
EDITORIAL

Não devo julgar-me, como profissional, “habitante” de um mundo estranho; mundo de técnicos e especialistas salvadores dos demais, donos da verdade proprietários do saber, que devem ser doadores aos “ignorantes e incapazes”, que estão fora. Se procedo assim, não me comprometo verdadeiramente como profissional nem como homem. Simplesmente me alieno.

Todavia existe algo que deve ser destacado. Na medida em que o compromisso não pode ser um ato passivo, mas práxis – ação e reflexão sobre a realidade –, inserção nela, ele implica indubitavelmente um conhecimento da realidade. Se o compromisso só é válido quando está carregado de humanismo, este, por sua vez, só é consequente quando está fundado cientificamente. Envolta, portanto, no compromisso do profissional, seja ele quem for, está a exigência de seu constante aperfeiçoamento, de superação do especialismo, que não é o mesmo que especialidade. O profissional deve ir ampliando seus conhecimentos em torno do homem, de forma de estar sendo no mundo, substituindo por uma visão crítica a visão ingênuas da realidade, deformada pelos especialismos estreitos.”

*(Trecho extraído da obra *Educação e Mudança*, de Paulo Freire. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1989. 12 ed. p.20-21.)*